

Phelipe Teles da Silva

Análise Quantitativa da Relação entre Spread e Concentração Bancária

Seropédica, Rio de Janeiro

2019

Phelipe Teles da Silva

**Análise Quantitativa da Relação entre Spread e
Concentração Bancária**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Orientadora: Debóra Pimentel

Seropédica, Rio de Janeiro
2019

Sumário

1	REVISÃO DE LITERATURA	3
1.1	Revisão da literatura teórica	3
1.1.1	O Banco como firma	3
	REFERÊNCIAS	5

1 Revisão de Literatura

1.1 Revisão da literatura teórica

Nesta seção pretendo explorar três modelos que se consagraram na literatura sobre a relação entre spread bancário e concentração bancária: o modelo do banco como uma firma maximizadora de lucros de Klein (1971), o modelo do banco como intermediador financeiro de Ho e Saunders (1981) e, finalmente, o modelo pós-keynesiano da preferência pela liquidez. O intuito é explicitar quais variáveis são relevantes para explicar o spread bancário e por quê, de um ponto de vista macro e microeconômico.

1.1.1 O Banco como firma

Neste modelo, o banco é visto como uma firma que produz serviços voltados para intermediar a oferta e demanda de crédito, receber depósitos (D) e fazer empréstimos (L), a uma taxa de juros determinada em um mercado monopolístico ou semi-monopolístico, ou seja, em que tem poder de fixar a taxa de juros acima do custo marginal de produção, e é precisamente nesse sentido que o spread bancário é aqui entendido, como o poder de mercado deste banco. (OREIRO et al., 2006)

O autor considera que o banco seja neutro ao risco, buscando maximizar tão somente o valor esperado do lucro, sem considerar sua variância, deparando-se com uma curva de demanda por empréstimos decrescente, $L(r_L)$, e uma curva de oferta de depósitos crescente, $D(r_D)$, e uma função custo do tipo $C(D, L)$, em que r_L denota a taxa de juros cobrada ao emprestar, e r_D a paga ao depositante. A função custo, considerando as funções inversas, é assim considerada:

$$\pi(D, L) = r_L(L)L + rM - r_D(D)D - C(D, L) \quad (1.1)$$

em que r representa a taxa de juros do mercado interbancário, e M , o que o banco tem disponível para aplicar neste mercado, a saber, tudo o que recebe de depósito e não empresta nem vai para o compulsório (uma taxa α), $M = (1 - \alpha)D - L$.

E assim, manipulando a equação, obtemos o que representa o resultado da intermediação financeira subtraído de seus custos:

$$\pi(L, D) = (r_L(L) - r)L + (r(1 - \alpha) - r_D(D))D - C(D, L) \quad (1.2)$$

O próximo passo é obter a margem ótima de intermediação, isto é, a que maximiza a função lucro. Para isso, tira-se as derivadas parciais desta função em relação a L e D para

se chegar às condições de primeira ordem, e, depois de algumas manipulações algébricas, chega-se às equações fundamentais do modelo:

$$\frac{1}{\epsilon_L^*} = \frac{r_L^* - (r - C_L')}{r_L^*} \quad (1.3)$$

$$\frac{1}{\epsilon_D^*} = \frac{r(1 - \alpha) - C_D' - r_D^*}{r_D^*} \quad (1.4)$$

O lado direito da equação é a versão para firma bancária do índice de Lerner¹, sendo, por definição, em cada um dos casos, igual ao inverso da elasticidade-juros da demanda por empréstimos (ϵ_L^*) e oferta de depósitos (ϵ_D^*).

Segue-se imediatamente destas equações que o spread bancário será tão maior quanto menos sensíveis forem as elasticidades da demanda por empréstimo e da oferta de depósito em relação à taxa de juros. Outra implicação interessante e não tão óbvia é de que, se a taxa de juros r do mercado interbancário aumentar, as taxas de intermediação também irão. (FREITAS; ROCHET, 1997).

¹ Definido como a razão $(P - C_{mg})/P$, em que P é preço e C_{mg} é o custo marginal, serve para medir o poder de mercado de um agente, sua capacidade de fixar o preço acima do custo marginal. É uma função do inverso da função de elasticidade. (MAUDOS; GUEVARA, 2004)

Referências

- FREITAS, X.; ROCHET, J.-C. *Microeconomics of Banking*. [S.l.: s.n.], 1997. Citado na página 4.
- HO, T. S. Y.; SAUNDERS, A. The determinants of bank interest margins: theory and empirical evidence. *Journal of Financial and Quantitative Analysis*, v. 16, p. 581–600, 1981. Citado na página 3.
- MAUDOS, J.; GUEVARA, J. Fernández de. Factors explaining the interest margin in the banking sectors of the european union. *Journal of Banking & Finance*, v. 28, p. 2259–2281, 02 2004. Citado na página 4.
- OREIRO, J. L. d. C. et al. Determinantes macroeconômicos do spread bancário no Brasil: teoria e evidência recente. *Economia Aplicada*, scielo, v. 10, p. 609 – 634, 12 2006. ISSN 1413-8050. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-80502006000400007&nrm=iso>. Citado na página 3.